

## ALBERTO MANGUEL: ENTREVISTA

*Carlos Reis*

Universidade de Coimbra

Centro de Literatura Portuguesa

<https://orcid.org/0000-0001-6492-3486>

Falar em Alberto Manguel é falar na reflexão sobre o livro, sobre a sua história, a sua materialidade, as suas mutações e as múltiplas e variadas formas de integração social que ele tem conhecido.

Tendo nascido em 1948 em Buenos Aires, Alberto Manguel é um verdadeiro cidadão do mundo que, no decurso do seu trânsito pela vida, nos últimos anos aportou a Portugal com a sua biblioteca. Como quem diz: com os livros que são a sua razão de existência. Antes disso, Manguel viveu em Tel-Aviv, aprendeu várias línguas, trabalhou numa biblioteca da sua cidade natal e ali, de 1964 a 1968, leu para Jorge Luis Borges, tendo sido, tal como o genial escritor, diretor da Biblioteca Nacional. O regime militar argentino levou à saída de Alberto Manguel da Argentina, mas também, indiretamente, à sua afirmação como romancista (primeiro romance: *News From A Foreign Country Came*, de 1991). Na sequência daquele afastamento, viveu na França, na Inglaterra, na Itália e no Tahiti. Mais tarde, fixou-se no Canadá e adotou a cidadania canadiana. A par disso, recebeu diversas distinções: prémios, doutoramentos *honoris causa* e o título de comendador da Ordem das Artes e das Letras (França).

Autor de uma vasta obra nos domínios da ficção, do ensaio e da historiografia, Manguel consagrou-se também à elaboração de antologias (mais de uma vintena publicadas a partir dos anos 80 do século XX). A sua obra mais destacada, *A History of Reading* (1992), foi

traduzido em vários idiomas, incluindo o português (edição Tinta da China, em 2020).

Nesta breve entrevista, Alberto Manguel pronuncia-se sobre o livro, a leitura, a biblioteca e as humanidades.

Carlos Reis – *Num texto de 1886, Eça de Queirós escreveu: “A ideia de leitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando páginas à pressa, no rumor de uma praça.” Eça referia-se à leitura literária, tal como ela existia depois da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. Hoje como estamos? Que rumores envolvem e condicionam a leitura?*

Alberto Manguel – Esta pergunta não se me ajusta porque me sinto mais contemporâneo de Eça do que dos leitores eletrônicos de hoje em dia. Assim, os meus “rumores” não são os de um leitor de écrans mas sim os de um leitor de papel que ouve o virar das folhas enquanto lê. Não posso ler com música de fundo, por isso custa-me ler num bar ou num café, onde presentemente a música é obrigatória, quando não é um desfile de imagens televisivas. Sinto que atualmente tudo conspira contra o leitor verdadeiro, contra a intimidade, contra a arte da conversa, seja com um livro ou com um amigo. É quase impossível recriar o que Keats definiu como “o espaço amoroso” que surge quando alguém abre um livro.

*A ideia de biblioteca e o lugar que assim temos designado, desde há séculos, parecem ter mudado e não pouco. Em que sentido ou sentidos? E que valorações acompanham essa mudança?*

A biblioteca sempre foi um lugar em que guardamos a nossa memória. Ela existe sempre sob a sombra da censura, deliberada ou involuntária, já que nenhuma biblioteca, nem mesmo a de Alexandria, pode albergar tudo, e em qualquer seleção, por mais generosa que seja, sempre haverá lacunas. Richard Ovendon definiu a biblioteca como um “lugar de evidência”. Nesta época de falsidades, de rumores e de

fábulas nocivas, este conceito é de uma importância fundamental. A biblioteca brinda-nos com a evidência das suas recordações.

*Uma formação humanística convencional colocava a leitura no centro do seu estatuto cultural e simbólico. Em que medida e de que forma a leitura foi afetada por aquilo que tem sido designado como crise das humanidades?*

A leitura continua a ser o centro simbólico e material da cultura e de uma civilização do livro. A crise surge, como sempre, do preconceito, do medo, da incapacidade ou da falta de vontade de permanecermos abertos ao conhecimento que os livros oferecem. Constrangidas por conceitos construídos sobre preconceitos, mal ou bem-intencionados, as humanidades sofrem de censura. Em vez de diálogo, as novas noções académicas propõem declarações convencionais; em vez de aceitarem a abertura e a ambiguidade essencial de todo o texto literário, querem impor um dogma supostamente liberal ou supostamente conservador. Não admitem o facto de que a cultura é a arte de fazer perguntas que levam a melhores perguntas e não a respostas preconcebidas que levam implacavelmente ao catecismo.

*Inevitavelmente, falamos de suportes e de linguagens, quando, nos nossos dias, ponderamos a questão da leitura. Como entra o digital nessa ponderação? Como um aliado? Como um inimigo?*

É muito perigoso ver um instrumento como algo antropomórfico. A tecnologia eletrónica não tem mais identidade do que uma bengala ou uma faca, e a faca não decide se a usamos para cortar pão ou para assassinar alguém. A tecnologia eletrónica pode ser (e é) de grande utilidade, como estamos a ver nesta tragédia da Ucrânia. Mas também pode converter-se num estupefaciente nocivo, criando dependências perigosas. O seu valor depende do utilizador.

*Por fim, façamos um pouco de futurologia. O homem do século XXII ainda será leitor?*

O ser humano pode definir-se como uma espécie leitora. Lemos o céu, a terra, as expressões dos outros e, no caso das sociedades da escrita, os signos escritos. Enquanto sobrevivermos seremos leitores, porque o nosso impulso narrativo, surgido da nossa imaginação como instrumento de sobrevivência, é-nos necessário para tomar consciência do mundo e de nós mesmos. A questão é saber se vamos sobreviver...